

## VINICIUS

Aconselho a todos que descansem um pouco de política (a fórmula que ouvi ontem foi essa: "não vamos dar um golpe não, vamos dar um jeito") e procurem, no segundo ou terceiro dia da semana que vem, em qualquer livraria, a "Antologia Poética" de Vinicius de Moraes, da Editora A Noite.

Esse livro reúne a maior e a melhor parte da obra de um dos grandes poetas do Brasil. A seleção, feita por Vinicius com ajuda de Manuel Bandeira, inclui poemas de "Caminho para a Distância", "Ariana, a Mulher", "Forma e Exegese", "Novos Poemas", "Cinco Elegias", "Poemas, Sonetos e Baladas" e "Pátria Minha", livros quase todos lançados em edições pequenas, e todos há muito esgotados. E há, além disso poemas novos, escritos nos Estados Unidos ou durante a última estada do poeta no Rio.

Vindo de um misticismo de fundo religioso para uma poesia nitidamente sensual, que depois se muda em versos marcados por um fundo sentimento social, a obra de Vinicius tem como constante um lirismo de grande força e pureza. E além disso há um pouco de tudo no livro — o patético, o dramático, o satírico, o humorístico e até o piégas, e até o hermético. Vamos embolar sem ordem, nem rumo, alguns versos do poeta:

"Nas tardes da fazenda há muito azul de mais. Minha mãe manda comprar um quilo de papel na venda, quero fazer poesia. Se me telefonarem só estou para Maria. Se fór o Ministro, só recebo amanhã. Se fór um trote, me chama depressa. Falarei baixo para não perturbar tua amiga adormecida. Serei delicado. Sou muito delicado. Morro de delicadeza. Minha barba é delicada na pele das mulheres. Na verdade sou um homem de muitas mulheres e com todas delicado e atento. Tende piedade, Senhor, do mocinho franzino, três cruces, poeta que só tem de seu as costelas e a namorada pequenina, mas tende piedade ainda do impávido forte colosso do esporte e que se encaminha lutando, remando, nadando, para a morte. Tende piedade das moças pequenas das ruas transversais, que de apoio na vida só têm Santa Janelinha da Consolação, e sonham exaltadas nos quartos humildes, os olhos perdidos e o seio na mão. A minha namorada é uma nossa senhorazinha, é uma cigana, é uma coisa que me faz chorar na rua, dançar no quarto, ter vontade de me matar e de ser presidente da República. E morro nessas montanhas entre as imagens castanhas da tua melancolia. Meu Deus, eu quero a mulher que passa. Eu possa me dizer do amor (que tive): que não seja imortal pósto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure. E a vida passa depressa no morro do Cavalão entre tantas flôres, tantas flôres tontas, parasitas, parasitas da nação. Não, tu não és um sonho, és a existência. Oh, deixa-me brincar que te amo tanto, que se não brinco choro, e desse pranto, desse pranto sem dór, que é o único amigo das horas más em que não estás comigo. De repente do riso fez-se o pranto silencioso e branco como a bruma, e das bocas úmidas fez-se a espuma, e das mãos espalmadas fez-se o espanto. De repente não mais que de repente."